

Nos quadrinhos que o Jornal da Tarde publica diariamente na série Os Bichos (autoria de Rog Botten), certa vez o leão Beto — desastrado e em permanente crise existencial — viveu uma situação especial. No primeiro quadrinho ele, em cima de uma árvore, preparava uma emboscada para o Ernâni, o elefante mal-encarado e irritadiço; no segundo, Beto saltava sobre as costas de Ernâni e gritava, feliz: "peguei!"; no terceiro, a indagação perturbadora: "E daí?".

PAULO FREIRE — *Acho que todos devemos, constantemente, fazer-nos algumas perguntas. Todas as nossas iniciativas devem ter resposta para questões como para que fazemos ou em favor de quem o fazemos, por que o fazemos ou, então, o equivalente, contra que ou contra quem fazemos. Para os jovens que agora se preparam para a Universidade, esse é um problema mais profundo que apenas o ingresso na faculdade que deseja cursar.*

Cento e trinta mil estudantes, colegial terminado, mergulham de cabeça na concorrência que marca sua vida. Uma pequena parcela vai obter o êxito esperado. Outra gorda fatia dessa massa de jovens terá mais um ano de preparação pela frente, às vezes, com o peso do insucesso, alterando radicalmente sua escolha inicial. Nesse contexto de competição, a vaga obtida funciona como recompensa ao guerreiro vitorioso e, se não for analisada, pode mascarar um outro aspecto igualmente importante: o que fazer com a conquista?

PAULO FREIRE — *É importante salientar que o ingresso na Universidade não significa apenas a satisfação de uma provável vocação. Seria triste tudo acabar na comemoração do êxito. Há um compromisso profissional ou compromisso do profissional implícito. Com o que está aí ou com a transformação da sociedade, em busca de relações sociais mais justas. Para atingir esse nível de reflexão crítica, indispensável ao estudante universitário, é preciso permanentemente clarificar as razões que conduziram o jovem até a Universidade.*

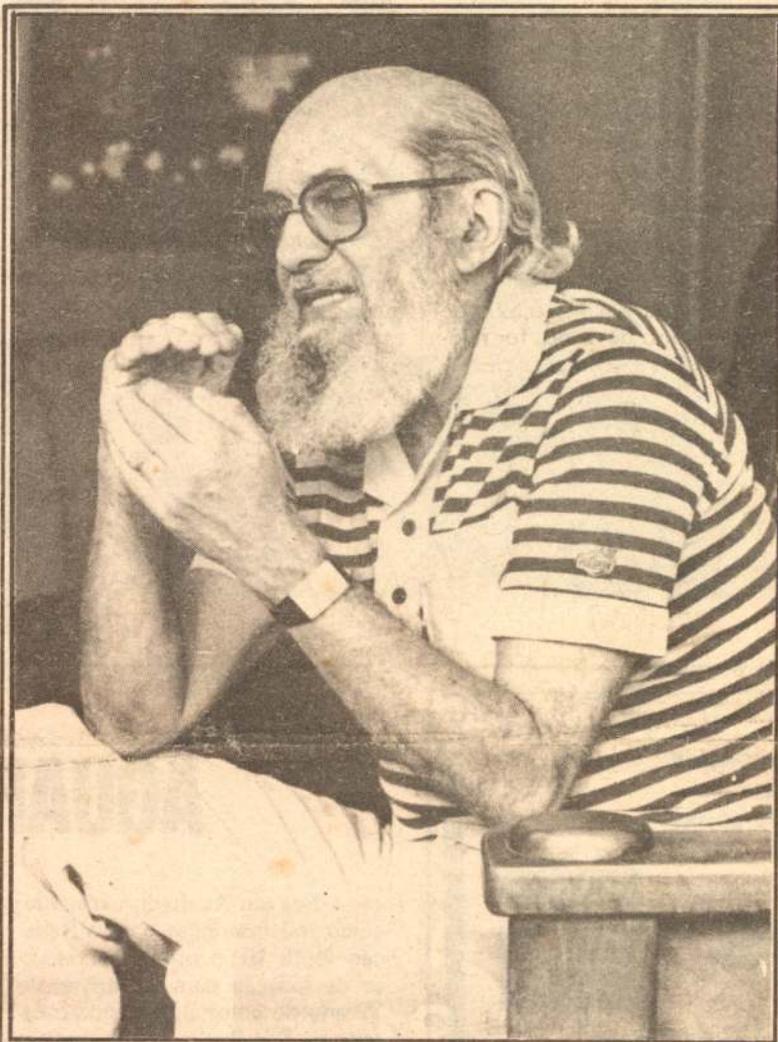
Refletir, discutir, debater, analisar, questionar, indagar... Seria imensa a lista de verbos proscritos do cotidiano de muitos, pelo hábito ou por imposição. No âmbito do ensino, uma das razões é a desenfreada luta pelo lugar ao Sol. Os exames de seleção de candidatos à Universidade estabelecem regras do jogo; a educação de base se conforma de modo a atender as necessidades do estudante que quer chegar até lá e ser aprovado; a competição é grande e acirrada, os cursinhos dão o treinamento final. Resultado: mede-se a eficiência em dar respostas. Os verbos usados: concordar, assentir, aceitar, aderir, desempenhar...

Paulo Freire, atualmente com 59 anos, passou 16 no exílio, anelando com saudade o Brasil. Em 1964 foi encarregado pelo Ministério da Educação e Cultura de dirigir um programa de alfabetização de adultos com base em seu método sistematizado em livro em 1961. Era a abordagem educacional batizada de *Pedagogia do Oprimido*, título de um de seus livros. Sua obra tem ainda *Conscientização, Conscientização e Alfabetização, Educação como Prática de Liberdade, Introdução à Ação Cultural e Educação e Mudança*. A saída abrupta em 64 o levou ao Chile, depois aos Estados Unidos onde lecionou em Harvard e, a partir de 70, na Suíça. Desde 1968 Paulo Freire é consultor da UNESCO e, nessa condição, colaborou com programas de educação em diversos países africanos. Em 1979, com a anistia, Paulo Freire voltou ao Brasil e foi convidado a trabalhar na PUC de São Paulo no pós-graduação e em projetos de educação popular. Nós pedimos uma entrevista sobre o significado de se obter uma vaga na Universidade. Ele aceitou e fez mais: lançou, de sua parte, aquilo que definiu como um desafio ao nosso público.

1980

por Paulo Roberto Leandro

Foto: Mangel



PAULO FREIRE — *Que eficiência é essa? Será que não existem outras eficiências possíveis? É importante lembrar que eficiente é aquele que repete bem uma determinação que vem de cima, sem sequer pensá-la; lembrar que*

a prática de eficiência coincide com a falta de criatividade e com a submissão. O caminho para recuperar a ação participante, o jovem vai encontrar a partir de sua própria clareza política, clareza que ele só vai ganhar pela prática política pessoal e não pela leitura de qualquer discurso.

Cansaço gostoso, irmão da alegria descontraída pelo sonho realizado. A partir de agora um calouro na faculdade, a perspectiva do diploma de nível superior e depois a vida profissional. Fi-

nalmente, a oportunidade de estudar para valer, pesquisar e construir seu repertório de conhecimento, vital para o futuro. Beber na fonte do templo do saber, a Universidade.

PAULO FREIRE — *É uma pena, mas o ensino superior não está cumprindo suas verdadeiras finalidades. A Universidade não deve ser o que tem sido, um grande mercado onde se compra conhecimento. Aí joga um papel fundamental ao jovem. Ele tem que constantemente rever os moti-*

vos que o levaram até ela e esforçar-se para que a Universidade o ajude a criar e não comprar conhecimento pronto. E o esforço que lhe cabe é grande porque a escola, de modo geral, não está criando condições para o desenvolvimento de consciência crítica. É impossível, atualmente, pensar-se em uma modificação radical da escola, de transferidora de conhecimento para uma posição desafiadora, de permanente estímulo à criação de conhecimento. E o estudante só passará a agente dessas transformações gradativas se tiver convicção em torno de suas opções políticas. Assim será possível, posteriormente, afirmar que não entrou apenas por entrar. Não digo que não entrem, mas que não abdicuem da exigência de crescer na Universidade. Nesta conversa, em que agradeço a oportunidade de falar a uma fração da juventude com que não tive contato desde que voltei ao Brasil, não pretendo orientar, nem traçar diretrizes. Pretendo apenas desafiar esses jovens a uma atitude mais participante.

E o medo, o receio de não entrar, decepcionar família e amigos? Um esforço tão grande de preparação para, divulgada a lista, não ver seu nome entre os selecionados. Receio do candidato em se vergar diante do peso de um tempo perdido.

PAULO FREIRE — *Pode espantar muitos mas eu mesmo comecei tarde. Dificuldades financeiras familiares fizeram que eu me distanciasse dos amigos e só prestasse o exame de admissão ao ginásio em 16 anos. Foi só quando comecei a comer que comecei a aprender. Mas, ainda assim, não considerei o tempo desse atraso como perdido. Nesse período, de praticamente cinco anos fora do ritmo normal de escolaridade, aprendi, com a realidade, que com fome não se aprende. Então, diria a esses jovens que esse tempo nem sempre é perdido. Proponho a eles que repensem esse tempo que o senso comum chama de perdido e nele redescubram o que está escondido.*

Fome é carência que, em sentido figurado, pode também ser aplicada a outros itens. Como por exemplo a falta de informação que leva à falta de formação adequada; a insuficiência de elementos culturais que deveriam vir da escola para satisfazer necessidades de preparo intelectual, desenvolvimento de raciocínio e amadurecimento.

PAULO FREIRE — *Mais que isso, eu identifico a existência, nos jovens, de uma fome afetiva, emocional que, a exemplo das deficiências alimentares que levam à ruptura dos tecidos físicos, resulta em ruptura do tecido emocional. Mas, ele acaba se recompondo. Essa carência vem das inúmeras proibições, de participar, de fazer perguntas. Acho que hoje temos gerações que cresceram sem perguntar e o jovem que não pergunta envelhece mais depressa. Tenho pena do velho de amanhã que de repente vai se dar conta das perguntas que não fez e perceber como o menino que vivia dentro dele, sempre curioso, foi sepultado antes do tempo.*